

Corpos eletrônicos periféricos: configurações semiótico-comunicacionais da resistência¹

Nísia Martins do Rosário²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

A investigação aqui apresentada busca delinear a comunicação de “corpos eletrônicos periféricos” a partir da Semiótica da Cultura, especialmente com os conceitos de texto cultural midiático, semiosfera, tradução, fronteira e periferia. O objetivo é compreender os processos de semiose de corpos que se expressam na mídia, especialmente no mundo digital, e trazem irregularidades, descontinuidades e imprevisibilidades em relação aos sistemas modelizantes hegemônicos. Entende-se que, apesar de mostrarem alguma precariedade em relação às linguagens digitais e serem objeto de exclusão, muitas vezes, esses corpos provocam certa desestabilização semiótico-comunicacional e exibem traços de resistência.

Palavras-chave

Corpos eletrônicos; Semiótica da Cultura; mídia digital; semiose; resistência

CORPO DO TEXTO

De forma sucinta é possível dizer que o corpo eletrônico é aquele que se torna objeto dos textos midiáticos, assumindo as mais diversas formas na televisão, no cinema, em produtos da internet. Tais corpos, em sua maioria, reproduzem o humano de alguma forma, mas podem assumir uma diversidade de formatos, inclusive o não-humano, sendo produzidos analógica, digital ou figurativamente, assim, deve-se ter em mente que ele é um texto virtual. Os corpos que não correspondem aos padrões hegemônicos das mídias, assumindo irregularidades, descontinuidades e imprevisibilidades configuram o que estamos entendendo aqui como corpos eletrônicos periféricos – considerando o conceito de periferia semiótica engendrado pela Semiótica da Cultura.

Corpos eletrônicos periféricos apresentam, muitas vezes, condições de precariedade ao serem traduzidos como inapropriados e, em consequência, desajustados,

¹ Trabalho apresentado no GP Semióticas da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação, professora e pesquisadora dos cursos de Relações Públicas e Publicidade e Propaganda e do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: nisiamartins@gmail.com.

por vezes impublicáveis no âmbito midiático massivo, rejeitáveis nos âmbitos social e cultural. Por outras palavras, desenvolvem performances que não estão alinhadas aos sistemas modelizantes das corporalidades midiáticas, são claramente periféricos. Contudo, o mais relevante é que, ainda que haja uma tentativa de excluí-los, apagá-los e mesmo disfarçá-los, não é possível uma completa exclusão deles dos sistemas semióticos midiáticos porque funcionam como um elo para a existência da “normalidade” regulada e normatizada. Por mais que eles ocupem um espaço claramente secundário, subalterno e desconexo do hegemônico, conseguem impor a diferença, marcar a distinção e provocar uma certa desestabilização semiótico-comunicacional. Assim, tornou-se fundamental aprofundar o olhar sobre esse corpo periférico que é veiculado na mídia, mas que, de alguma forma, se impõem como potência de resistência.

Portanto, pela sustentação da Semiótica da Cultura, a meta da pesquisa é estudar os modos pelos quais os *corpos eletrônicos periféricos* comunicam no mundo digital, especialmente nas redes sociais. Ao mesmo tempo, busca-se entender como eles se impõem como potência de resistência, engendrando textos de forma a produzir a diferença, marcar a sua dessemelhança e impor uma tradução dissimilar dos padrões hegemônicos, provocando reconfiguração de sentidos e criação de novos textos. Será importante observar, nessa via, que possibilidades de semioses são articuladas nesse processo e que repercussões têm sobre o processo comunicacional midiático, a linguagem corporal e os sistemas semióticos.

Assim, este trabalho se propõe detectar irregularidades, imprevisibilidades e descontinuidades provocadas pela linguagem dos corpos eletrônicos periféricos e identificar os potenciais de resistência que estão inscritos sobre eles. Para isso, aponta-se como vieses teóricos fundantes a comunicação e a Semiótica da Cultura e se faz necessário aprofundar os conceitos de texto cultural, semiosfera, fronteira, tradução, periferia (Lotman, 1979, 1999, 2000) e de resistência descobrindo nela potencialidades comunicacionais.

O viés metodológico da pesquisa se constrói sobre a cartografia baseada em preceitos de Deleuze e Guattari (1995), mas desenvolvida por Passos; Kastrup, e Escócia (2010), Rolnik (1989) e compreendida como um método construído no processo de investigação, que permite delinear uma rede de forças e suas modulações e movimentos. Os mapas cartográficos são organizados em conexão com as perspectivas teóricas e em conjunção com um *corpus* de corpos eletrônicos periféricos que operam resistência,

materializados em imagens midiáticas formatadas pelo ficcional, informativo e entretenimento.

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia, vol.1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

LOTMANN, Y. M. **Cultura y explosión**. Barcelona: Editora Gedisa, 1999.

LOTMAN, Y. **Universe of the mind**: a semiotic theory of culture. Indiana: Indiana University Press, 2000.

LOTMAN, Y. **Semiótica de la cultura**. Madrid: Cátedra, 1979.

PASSOS, E.; KASTRUP,V; ESCOSSIA,L. **Pistas do método cartográfico**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989